



GAVETA¹

Tamires MUNIZ Ribeiro²

André Guimarães BRASIL³

Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG

RESUMO

O vídeo "Gaveta" foi feito sob o impulso da curiosidade acerca das imagens de arquivo. Depois de uma longa volta às imagens familiares feitas por meus pais de 1991 a 2002, até então praticamente esquecidas, senti forte desejo de fazer uma compilação delas. O nome "Gaveta" vem para contrapor a sua condição de imagem de arquivo, terminologia que soa muito burocrática e não condiz com a relação afetiva que estabeleci com essas imagens. Recordação não é protocolo, e sim relíquia.

PALAVRAS-CHAVE

Imagens de arquivo, imagens amadoras, infância, anos 90.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de voltar às imagens produzidas de maneira amadora por meus pais nos anos 90 para observá-las com o afastamento da pesquisa comunicacional, acabei por me interessar fortemente por esse estatuto de imagens, inédito para mim até então sob essa perspectiva: as imagens de arquivo. Por fruto dessa longa (re)fruição de imagens fiz então esse vídeo, que tenta também questionar o lugar da imagem amadora na produção audiovisual atual.

¹ Trabalho submetido ao XVIII Prêmio Expocom 2011, na Categoria Cinema e Audiovisual, modalidade Filme de não-ficção / documentário / docudrama.

² Aluno líder do grupo e estudante do 5º. Semestre do Curso de Comunicação Social, email: tamiresmunizribeiro@gmail.com.

³ Professor orientador do trabalho. Professor da UFMG, email: agbrasil@uol.com.br.

2 OBJETIVO

As imagens de arquivo são produzidas para não deixar que aquele momento vivido, que por natureza é irrevogável, se extinga de nossa memória. Elas são um testemunho, criadas a partir do pressuposto de que um dia aquilo provavelmente será esquecido. Até mesmo as imagens ao vivo, que *a priori* são produzidas com o intuito de proporcionar a fruição da imagem imediata ao seu acontecimento, tornam-se posteriormente objetos de rememoração.

De acordo com Benjamin, as imagens técnicas encerram em si um grande caráter indicial, fazendo com que o momento deixe seus vestígios gravados nelas. Essas “fissuras do real” - no caso analisado, não só imagens como também sons – persistem na imagem, não só falando de um passado, mas também indicando um de-vir, o que ainda está para acontecer. De acordo com o filósofo Jacques Derrida, as imagens de arquivo não só dizem sobre um futuro, como também muitas vezes só são compreendidas nesse futuro, talvez até mesmo por consequências de ações ali retratadas terem grande influência na absorção dessas imagens.

Essas imagens evidentemente foram produzidas para serem recordações. Foram feitas para que futuramente sejam assistidas para que aquelas pessoas se reencontrem, reafirmando suas existências. O real movente reaparece costurado nessas recordações como aquilo que as atravessam, deixando vestígios. Ao reencontrar aquelas lembranças é como se o passado pudesse ser acessado novamente, criando uma nova realidade virtual.

Gaveta foi feito com o objetivo de questionar o lugar dessas imagens, que ao mesmo tempo que possuem um caráter fortemente indicial e aparentemente bruto, possuem toda uma *mise-en-scène* e construção, e que, ao serem reconstruídas num trabalho que se assemelha ao de suturação cerca de 15 a 20 anos depois – por um daqueles personagens ali representados – ver o novo estatuto a que essas imagens podem pertencer.

3 JUSTIFICATIVA

A produção amadora não é recente, mas ela é potencializada enormemente com a possibilidade de exibição por meio da internet e pelo atual baixo custo de equipamentos de filmagem. As imagens que circulam no Youtube, por exemplo, se assemelham muito às de *Gaveta*. Acredito que isso não seja uma coincidência: além de serem produzidas por um



“alguém-todo-mundo”, elas tem um objetivo em comum: a construção das pessoas – então personagens – frente à câmera. A imagem não é tida como um lugar apenas de representação, mas também no qual a vida efetivamente se produz. O homem sente a necessidade de construir a sua identidade através das imagens e também de compartilhá-las como forma de legitimação de que ele viveu ou presenciou aquilo. Sob essa perspectiva, o cinema pode ser visto como índice – herança da fotografia – e também como escritura.

Com o interesse de se aventurar por meio dessas imagens que ainda não têm seu lugar definido, mas que povoam fortemente as nossas vidas, é que fiz o vídeo Gaveta, uma compilação de imagens de outrora mas que, mesmo 20 anos antes do boom do streaming, já sinalizava a forte tendência do homem em se construir através de imagens em movimento e muitas vezes tornar o registro intangível mais central do que a própria experiência.

4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A fotografia foi toda feita com uma câmera VHS 16mm da Panasonic, gravada entre 1991 e 1995, por Marivaldo Ribeiro e Clara Selma Muniz Ribeiro, sem nenhum equipamento profissional. A compilação e a montagem foi feita por Tamires Muniz, filha do casal, cerca de 20 anos após a gravação das primeiras imagens, com softwares de edição.

5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

O vídeo foi produzido como fruto de análise e reflexão e possui um caráter mais investigativo e afetivo do que propriamente artístico. O processo consistiu basicamente na volta àquelas imagens e pensá-las não apenas como recordação, como também em todo o contexto que condicionou aquelas imagens e que as condiciona agora, no momento da (re)absorção delas.

6 CONSIDERAÇÕES

O vídeo foi produzido com o objetivo de fazer parte da Revista Umcômodo, a revista audiovisual do Labmídia (Laboratório de Mídias Eletrônicas da UFMG), coordenada pelo professor, pesquisador, curador e ensaísta André Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



COMOLLI, Jean-Louis. **Ver e poder - a inocência perdida: cinema, televisão, ficção, documentário**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

DELEUZE, Gilles. **Cinema, a imagem-movimento**, São Paulo: Brasiliense, 1985.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos : mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números**. Ed. rev. e aum. Rio de Janeiro: Jose Olympio, 1988.